

25 entrevistas históricas: a memória construída em 25 anos de GloboNews ¹

Christina Ferraz MUSSE²
Fernanda Lília de ALMEIDA³
Cristiane FINGER⁴

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RGS

Resumo

No ano em que comemora 25 anos no ar, a GloboNews lança a campanha multiplataforma: “25 anos em 25 entrevistas”. Uma efeméride, que oferece ao telespectador a oportunidade de rever depoimentos que ainda hoje mexem com as nossas lembranças. Ao narrar o cotidiano, ou cobrir os grandes acontecimentos, a emissora que “nunca desliga” também faz história. Neste artigo, analisamos a transformação da notícia em documento, o paradoxo entre o fugaz e o perene, e evidenciamos como o jornalismo, pautado pela novidade (FRANCISCATO, 2014), também se entrega à criação de outros marcos temporais, para construir sua identidade como veículo, selecionando, entre as narrativas que produz, aquelas que considera permanentes. Ao nos dizer o que é importante lembrar, a televisão se transforma em lugar de memória (NORA, 1993) e de construção da história (BARBOSA, 1995).

Palavras-chave: GloboNews; Telejornalismo; ao vivo; entrevista; memória

1. O pacto com o presente

“GloboNews, nunca desliga”. Este é mais que um slogan do canal que foi o primeiro especializado em notícias no Brasil e entrou no ar em 15 de outubro de 1996. A inovação, numa época em que a internet apenas engatinhava, mudou para sempre a forma de assistir à TV, e a relação dos espectadores com o espaço e o tempo. O canal por

¹ Trabalho apresentado ao GP de Telejornalismo no XXI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora titular do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), líder do Grupo de Pesquisa CNPq Comunicação, Cidade e Memória (Comcime); presidenta da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Alcar); e-mail: christina.musse@ufjf.br.

³ Mestranda em Comunicação e Sociedade pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); membro do Grupo de Pesquisa CNPq Comunicação, Cidade e Memória (Comcime); e-mail: fernanda.lilia@estudante.ufjf.br.

⁴ Professora titular do Curso de Jornalismo e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Escola de Comunicação, Artes e Design (Famecos) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), líder do Grupo de Pesquisa CNPq Televisão e Audiência (GPTV); diretora regional Sul da Intercom; e-mail: cristiane.finger@pucrs.br.

assinatura se celebrizou pelas grandes coberturas ao vivo como o acidente com o Fokker 100 da TAM, no Brasil, em 1996, a morte da princesa Diana, na França, em 1997, o sequestro do ônibus 174, no Rio de Janeiro, em 2000, o ataque às torres gêmeas, em Nova York, em 2001, a morte de Bin Laden, no Afeganistão, em 2011, o ataque terrorista ao Bataclan, na França, em 2015, o impeachment de Dilma Rousseff, em 2016, a greve dos caminhoneiros, em 2018, o rompimento da barragem de Brumadinho, em 2019, a pandemia da Covid-19, em 2020, entre muitos outros, numa apologia do tempo real, isto é, um presente contínuo, que liga o espectador ao acontecimento.

Ao estudar os regimes de temporalidade instituídos pela imprensa, e que afetam a nossa forma de estar no mundo, Carlos Franciscato destacou paradigmas como a velocidade e a aceleração do tempo como atributos que garantiram à imprensa, desde tempos idos, o seu diferencial: o culto ao presente.

Trabalhamos a noção de tempo presente não somente como uma qualidade particular de um produto, mas como um fenômeno social composto por práticas sociais, relações de sentido e atributos inscritos em produtos culturais. Esses elementos é que tornam a vivência do tempo presente uma experiência concreta, compreensível como um objeto social e dotado de um conteúdo com um sentido intersubjetivamente partilhado (FRANCISCATO, 2014, p.98).

O autor identificou cinco categorias nesse presentismo da imprensa: instantaneidade, simultaneidade, periodicidade, novidade e revelação pública são os indicadores temporais do jornalismo. Ao analisar a experiência social do tempo presente, Franciscato comprova como as tecnologias, no século XIX, diminuiram cada vez mais o tempo entre o acontecimento e a circulação do jornal, criando a percepção da instantaneidade.

Já o consumo da notícia por diferentes pessoas, em diferentes lugares, mas no mesmo momento, nos fala da simultaneidade, o que reforça a sensação de pertencimento ou aquilo que, mais tarde, Dominique Wolton (1996), ao pesquisar a TV aberta, definiria como o “laço social”, intensificado, na televisão, pela transmissão direta.

Fechine (2008) faz uma distinção entre os tempos do telejornal, entre *tempo real* e *tempo atual*. O *tempo atual* ocorre quando o apresentador chama o repórter ao vivo, para falar de algo que já aconteceu. Também pode ocorrer do repórter falar sobre algo que vai acontecer. Nestes casos, apresentador e repórter estão no agora falando sobre um não-agora. No *tempo real* o telespectador vivencia o acontecimento ao mesmo tempo em que o fato se desenrola. “O apresentador e o repórter compartilham uma temporalidade que é comum também ao próprio fato reportado” (FECHINE, 2008, p. 162). O objetivo dos canais de notícias 24 horas é diminuir ao máximo a distância entre o fato e sua divulgação.

Mas, sem dúvida, o “ao vivo” é marca destes canais que não estão presos a uma grade de programas e seus patrocinadores, como na televisão aberta. Para Franciscato:

[...] o “ao vivo” é uma construção discursiva que se baseia em uma mediação operada tecnologicamente para dar um efeito de ausência de mediação, um efeito de contato direto do público com o evento. [...] a aparência é de que o jornalismo em tempo real nos coloca em contato direto com o evento, como se estivéssemos superando a mediação do veículo - e superar a mediação seria uma forma de afirmar um discurso com a pretensão de verdade, de eliminar a interpretação e a subjetividade (2003, p.278).

Já a periodicidade, um dos fenômenos mais marcantes do jornalismo nas suas primeiras décadas, responsável pela marcação do tempo, e pela fidelização do leitor, com as edições matutinas e vespertinas, a circulação diária, semanal ou mensal, ou a grade de programação da TV aberta, tem sido subvertida pelo acesso à informação sob demanda. Essa história começa nos anos 1980, com a possibilidade de gravar e selecionar o horário da recepção, em que o espectador vai consumir o programa disponível na grade, através do advento dos gravadores de VHS, CD-Roms etc. Bem mais recente é o *streaming*, que customiza o acesso, e permite a cada telespectador/usuário compor a sua grade pessoal de consumo de notícias e entretenimento, tudo na palma da mão, no horário e lugar que o consumidor escolher.

A novidade é marca registrada do jornalismo, destacada pelo interesse cada vez maior dos leitores pelos relatos que, no século XIX, por exemplo, mais se assemelhavam a boatos, porque não havia tempo suficiente entre a apuração e a divulgação, mas isso

dava à notícia um frescor impossível de ser reconhecido, por exemplo, nos excessivamente checados relatos dos historiadores.

Finalmente, a revelação pública, que caracteriza o procedimento que o jornalismo executa de trazer a público um conteúdo novo, dar-lhe a conhecer algo que estava fora do âmbito público. Essas informações, consumidas no tempo presente, reverberavam depois em todo o espaço público, nos cafés e nas praças, dos tempos modernos. Assim, reforçou-se o lugar do jornalismo como arauto da atualidade, nos séculos XVIII e XIX, uma tendência de aceleração e intensificação do tempo presente, que, em pleno século XXI, transforma-se em fenômeno indispensável para compreendermos não só a imprensa, mas todo o corpo social.

2. Telejornalismo ao vivo e 24 horas

Em primeiro de junho de 1980, foi ao ar pela primeira vez a Cable News Network, CNN. A iniciativa foi de um jovem empresário norte-americano, Ted Turner, que marcou as transmissões em tempo real, 24 horas por dia no mundo. O slogan era: “Seja o primeiro a saber”.

Desde o início, a transmissão não se limitou às imagens gravadas e de estúdio - ela já nasceu com o propósito de cobrir os acontecimentos do mundo, com repórteres espalhados pelas principais cidades e com a colaboração das maiores redes de TV, que já tinham seus sinais interligados por satélite (ARONCHI DE SOUZA, 2005, p. 17).

O principal recurso da CNN foi trabalhar em diversos lugares com correspondentes e, assim, além de estar presente em centenas de países do mundo e de alavancar a sua própria audiência, passou a funcionar como uma agência de notícias retransmitindo imagens para diversas emissoras de televisão abertas e fechadas de outras redes como no Brasil.

O interessante é que no Brasil a CNN só chega, com emissora afiliada, em 15 de março de 2020, na TV por assinatura. Seguindo a essência do canal norte-americano e atenta aos novos meios de comunicação, a CNN Brasil estreou primeiro no digital e, depois, na televisão (CNN BRASIL, 2020)⁵. O site da empresa destaca a fórmula já consagrada de utilizar correspondentes e comentaristas:

⁵ CNN Brasil. **Sobre a CNN Brasil**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/mais/sobre-a-cnn>. Acesso em: 14 jun. de 2021.

Feita por brasileiros para o público brasileiro, a CNN Brasil tem sede na capital paulista e escritórios em Brasília e no Rio de Janeiro, repórteres espalhados pelo país, correspondentes internacionais e um time reconhecido de jornalistas, apresentadores e comentaristas (CNN BRASIL, 2020).

Apesar de só ter chegado tantos anos depois ao Brasil, a CNN foi o modelo de referência para a criação da GloboNews:

A CNN seria o modelo de referência para a criação da GloboNews, uma vez que, além de partir do zero, seria preciso buscar correspondentes no mundo todo. “Se A CNN virou um grande canal, nós também tínhamos uma chance, ainda mais com o apoio da própria Globo”, relembra Alice⁶ (PATERNOSTRO, 2006, p. 41).

Assim como a CNN, a GloboNews busca ter correspondentes em diversos lugares do mundo. Além disso, a parceria entre a GloboNews e o jornalismo da Rede Globo faz com que o número de praças cobertas por ambos os canais seja ampliado. Essa pluralidade geográfica agrada ao telespectador, que, segundo Squirra (1995), deseja saber o que acontece na cidade onde vive, em outros lugares do país e no resto do mundo.

Roberto Irineu, presidente das Organizações Globo e vice-presidente da Rede Globo, na época da criação da GloboNews, imprimiu ao novo canal o conceito de grade, já vitorioso na TV aberta. Desse modo, o assinante saberia que poderia assistir aos telejornais em todas as horas cheias, além de estar ciente do horário fixo para ver programas de entrevistas, debates e documentários (PATERNOSTRO, 2006). Para Irineu, entretanto, a cobertura ao vivo tinha prioridade sobre todos os programas.

Outro destaque da GloboNews foi proporcionar ao telespectador análises e opinião de especialistas, dando uma visão mais consistente dos assuntos.

O papel do comentarista é interpretar os fatos do dia-a-dia com um olhar diferenciado. Ele não reporta ou relata a notícia. Ele vai além. O comentarista analisa a informação a partir da sua maneira de pensar, às vezes de modo mais filosófico ou mais científico, dependendo da experiência profissional (PATERNOSTRO, 2006, p. 231).

⁶ Alice-Maria é uma jornalista brasileira que participou da criação do *Jornal Nacional* e da GloboNews (n.a.).

Passados 25 anos da sua inauguração, a GloboNews hoje ostenta o título de canal mais visto entre todos disponíveis na televisão paga brasileira. Dados de audiência da medição nacional pelo Ibope sobre os canais de jornalismo 24 horas mostram que, só no primeiro bimestre de 2021, o canal registrou 119 mil telespectadores por minuto. Esse índice é 71% maior que o público somado da CNN Brasil, BandNews e RecordNews⁷.

3. O canal que é a nova “testemunha ocular da história”⁸

O pesquisador Alfredo Vizeu afirma que os telejornais fazem parte do cotidiano do brasileiro. “Para a maioria da sociedade, eles representam a única fonte de informação sobre o mundo que os cerca. Através dos noticiários televisivos a sociedade tem a possibilidade de alcançar uma série de fatos aos quais não teriam outra forma de acesso.” (VIZEU, 2006, p. 100). Com a proposta de ampliar o acesso à informação, notícia a toda hora, o tempo todo, o canal GloboNews trabalha ainda com outra premissa: “Aqui você será testemunha da história”, uma forma de “chamar” para o jornalismo em tempo real. “Em vez de apenas ser informado dos acontecimentos, o cidadão passa a acompanhar, minuto a minuto, o seu desenrolar, com todas as idas e vindas, com todas as incertezas que um processo em evolução traz consigo.” (MARINHO, 2006, p. 7).

Ao longo desses 25 anos de história, o canal ficou marcado pelas grandes coberturas ao vivo, que suspendiam por muitas horas a programação prevista na grade. Assim a GloboNews foi se consolidando como um veículo ágil, pronto para o inesperado, para a notícia a qualquer hora, mas também um canal de análise, de discussão de ideias e grandes entrevistas. (PATERNOSTRO, 2006, p. 140). O espaço para diferentes debates como cultura, entretenimento e atualidades já estava na concepção do canal, em 1996. Desde a inauguração, havia muita discussão em diferentes programas: “Espaço Aberto”, “N de Notícia”, “Arquivo N”, “Milênio”, “Via Brasil” e “Entrevista Especial”. “Ao lado do noticiário hard (a cobertura da atualidade, nacional e internacional), esses programas completam o perfil da GloboNews.” (id. *ibid.*, p. 140). São programas que reúnem várias sub-categorias do telejornalismo, definidas por Guilherme Jorge Rezende (2009) como: documentário, reportagens especiais, entrevista, programa de debates, talk show, além de

⁷ Disponível em: www.uol.com.br/splash/noticias/ooops/2021/03/16/globonews-e-viva-lideram-com-folga-ibope-na-tv-paga-veja-o-ranking.htm Acessado em junho de 2021.

⁸ Slogan do “Repórter Esso”, telejornal da TV Tupi, que foi veiculado de 1952 a 1970.

outras, episódicas, caso do plantão, das retrospectivas de fim de ano e dos espetáculos midiáticos. Sobre a entrevista, o autor comenta:

Na TV, a entrevista transmite além da mensagem verbal, o que o jornalismo impresso nem sempre consegue transmitir, a exposição da intimidade do entrevistado, mediante diversas formas de comunicação analógicas: expressões corporais, faciais, de entonação, figurino e maquiagem (REZENDE, 2009, p.1).

Christina Musse, Rosali Henriques e Cláudia Thomé, ao realizar pesquisas que utilizam a história oral como metodologia para a captação de depoimentos de história de vida, observaram como essas narrativas criam um laço intenso de identificação com o espectador, que se reconhece, ou se torna empático ao que é relatado.

Gravar depoimentos de história de vida de personagens de uma determinada cidade é registrar parte da memória social da nação, isto é, vai além da relação com o Estado, como a cidadania, ultrapassa sim esta relação, criando narrativas pontuadas pelo afeto, a emoção, os laços de pertencimento e identificação (MUSSE; HENRIQUES; THOMÉ, 2015, s.p.).

As “entrevistas retrô” falam de uma vivência única de cada personalidade, que é ressignificada por quem assiste. Os entrevistados mostram uma experiência que as gerações do presente não viveram. Dessa forma, o espectador é capaz de intensificar passados desprezados pela contemporaneidade acelerada. As reportagens registram depoimentos orais de personagens, que buscam nas lembranças de vida, de família e do cotidiano uma forma de reavivar o passado. No contexto de cada captação, as histórias se fazem presentes nas nossas lembranças.

Neste sentido, podemos dizer que o tom coloquial, a produção de diálogos e a construção de personagens arrancados do mundo comum não devem ser explicados apenas como simulação do que é familiar para o público, e sim como exigência dos telespectadores, que a partir do texto compõem sua própria expressividade (BARBOSA, 2007, p. 136).

Um canal que vai além da notícia *hard news*. E que hoje, 25 anos depois, nos traz depoimentos como o do escritor pernambucano, Ariano Suassuna: “No meu entender, em

arte não existe progresso e sim variações, flutuações, diferenças.” (SUASSUNA, 2021). Está aí um depoimento e um ensinamento dirigidos ao repórter Pedro Bial, em 1997, mas ainda hoje, atuais. Assistir a Ariano Suassuna falando e gesticulando nos leva a uma “viagem” pelo folclore pernambucano, pelas cores e brilho do maracatu rural. Em mais de quarenta minutos de entrevista, o escritor fala de arte, mundo, e se posiciona como um pensador contemporâneo. Ele busca nas experiências de vida uma interpretação para o que vivemos hoje. Fazendo uma analogia com o narrador, o contador de histórias preconizado por Walter Benjamin (1986), Suassuna relata a sua experiência através de uma narrativa direta, com afirmações que vão além do Nordeste brasileiro, e que contribuem para a transmissão de saberes. São, assim, atemporais. Uma entrevista histórica, segundo o jornalista Pedro Bial.

Foi este o caminho escolhido pelo canal GloboNews para contar a sua trajetória. Entre vários formatos de programa, a entrevista como relato para celebrar a efeméride, e, assim, contar a sua própria história. Letícia Cantarela Matheus, em um trabalho de referência, identifica três modos de narrar o passado em edições comemorativas: na forma de história, de tradição e de memória (2011, p.28). Ao nos apropriarmos das categorias desenvolvidas pela pesquisadora, para aplicação em nosso objeto, o programa especial “GloboNews: 25 anos em 25 entrevistas”, pretendemos evidenciar que a memória foi o fio condutor escolhido pelo canal para rememorar a sua atuação neste um quarto de século. Isto é, através das histórias de vida de personagens que foram entrevistados por jornalistas da GloboNews, o canal pretende se legitimar como “lugar de memória” (NORA, 1993). É uma escolha interessante, já que privilegia o que permanece, no lugar daquilo que é fugaz. E aquilo que permanece, através do olhar do narrador, de sua subjetividade.

Diante desse contexto, partimos da hipótese de que a programação especial da GloboNews, para comemorar os 25 anos, desempenha a função destacada por Marialva Barbosa para o jornalismo, como: “senhor da memória” (1995, p. 137), isto é, o jornalismo vai além do registro do fato, ele cria narrativas que vão fazer parte da história, assim, o (tele)jornal é documento. Ainda mais significativo é refletir que o jornalismo funciona como um curador da memória, dizendo-nos o que é importante lembrar, e o que pode ser esquecido. Para construir esta memória, a GloboNews faz uma seleção de

entrevistas, isto é, o canal elege quais são os personagens que são relevantes e que legitimam as escolhas editoriais do canal.

A entrevista é um dos recursos primordiais para ilustrar, fundamentar e legitimar a narrativa jornalística. Seja na elaboração de um minucioso perfil ou na agilidade da confecção de um “povo fala”, é raro o produto audiovisual que não lance mão da entrevista como elemento fundamental para contextualizar e garantir o status de verdade que caracteriza os gêneros telejornalístico e documental (MUSSE.C.; MUSSE, M., 2010, s.p.).

Ao trabalhar com depoimentos, a emissora faz uma escolha. O telejornalismo continua fiel ao pacto com a verdade, e o testemunho tem este status. Mas a emoção vai contagiar as falas dos entrevistados. Eles poderão lembrar, esquecer, fazer pausas, dar suas opiniões. É a história narrada pela subjetividade deles. Um telejornalismo humanizado.

4. O passado nunca desliga

Em 2021 o slogan da Globo News foi reformulado. Agora é: "Globonews, há 25 anos, nunca desliga". Um aniversário comemorado em meio à pandemia mundial, quando as informações em tempo real têm prioridade e espaço garantidos. São os desafios diários de estar “24h no ar”, levando, atualizando informações, debatendo temas. Tudo isso em uma grade de programação que prioriza os links ao vivo.

Mas esse jornalismo, que se orgulha de estar sempre “ligado” nos fatos e no mundo de maneira factual, comemora os 25 anos buscando, no passado, compreensão para os dias atuais. Em junho, foi lançada a programação especial de aniversário do canal e a comemoração de todo esse tempo dedicado ao jornalismo passa pelas memórias. Nas chamadas que estão no ar, vemos arquivos de áudio e imagens, que nos dão o prazer nostálgico. “Um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes é a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais” (HUYSSSEN, 2000, p. 9).

A principal chamada alusiva aos 25 anos da GloboNews é narrada por Maria Beltrão, uma das primeiras apresentadoras do canal. O VT de 1 minuto e 25 segundos começa em *fade black*, com o áudio de uma máquina de escrever, mostrando, na tela,

um aparelho de televisão. Aparentemente, um modelo dos anos 1990, um retrô em cenário escuro, com imagens de factuais que marcaram nossa história. Do lado direito da tela, os *letters* vão surgindo com o slogan: “Há 25 anos a gente nunca desliga do mundo”.

Figura 1 – Frame da chamada de divulgação dos 25 anos da GloboNews



Fonte: G1⁹

O texto que acompanha a chamada enfatiza o acompanhamento de tudo o que acontece no mundo, de forma simultânea:

Há 25 anos a gente nunca desliga do mundo
E nunca desliga do que é mais importante para o seu mundo
É isso que nos mantém ligados, 24 horas por dia
É isso que nos leva aos debates, à linha de frente, às ruas
Faça chuva ou faça sol, mas que faça sentido pra você
E nós sentimos na pele o jornalismo, cada notícia, cada discurso, cada opinião
Sempre ligados em tudo que acontece no seu mundo
Porque o fato faz parte do mundo
E levar o fato até você
Faz parte da gente!
GloboNews, há 25 anos, nunca desliga. (GLOBONEWS, 2021).

No escopo deste artigo, escolhemos analisar três entrevistas para entender como se dá esta rememoração. Elas estão disponíveis no Globoplay, desde o dia 6 de junho. A

⁹ Frame da chamada de divulgação dos 25 anos da GloboNews, no portal G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/especial-25-anos/noticia/2021/06/01/globonews-faz-25-anos-em-outubro-com-novidades-na-programacao.ghtml>. Acesso em: 01 jun. 2021.

ordem em que foram escalonadas foi aleatória, não cronológica. Com personagens que tiveram uma contribuição para algum momento da nossa história, as entrevistas com personalidades passam a figurar como o principal elo entre presente e passado, televisão e telespectador.

5. “25 anos em 25 entrevistas”

Sintetizar em 25 entrevistas, os 25 anos de jornalismo, pode parecer uma tarefa muito difícil. Mas, quando nos deparamos com a seleção das 25 personalidades, vemos que há uma unidade nas narrativas e nas experiências vividas e transmitidas. As dez primeiras entrevistas têm em comum as vivências dos entrevistados. Benjamin (1986) entendia a experiência como uma “orientação para assuntos de natureza prática [que] é um traço característico de muitos contadores de histórias natos. [...] em qualquer caso, o contador de história é um homem que sabe dar conselhos aos seus ouvintes.” (BENJAMIN, 1986, p. 151). As entrevistas incorporam alguns poucos vídeos de arquivo, e privilegiam o tempo de reflexão do entrevistado, o tempo de rememoração. São entrevistas longas, atemporais, que, quando assistidas, na atualidade, não perdem o seu vigor. E como não pensar em conselhos, quando se assiste ao papa Francisco dizer que é preciso fomentar uma cultura do encontro, em todo o mundo? Ou se deliciar com as lembranças de Saramago sobre a sua infância? E ainda contemplar as formas orgânicas da Casa das Canoas, projetada por Niemeyer, no Rio de Janeiro? Em todos esses depoimentos, há um diálogo com a experiência, e, certamente, uma linguagem mais pautada pelo cinematográfico do que pelo televisivo.

Aquilo à que assistimos são as revelações da intimidade e do cotidiano dos personagens, sua vida privada, o que não se tornou visível na abordagem factual. Entre os entrevistados, alguns dos jornalistas mais experientes da emissora. Entre eles, apenas uma mulher. Todos brancos. Alguns consagrados como correspondentes internacionais, como Renato Machado e Pedro Bial, outros, reconhecidos como exímios entrevistados, como Roberto D’Ávila e Geneton Moraes Neto, ainda outros, destacados como intelectuais, autores de livros, como Mário Sérgio Conti e Edney Silvestre.

O canal selecionou uma entrevista por ano¹⁰: até agora, já podem ser acessadas na plataforma GloboPlay, as seguintes entrevistas: Jô Soares, por Roberto D’Ávila (44 min.); Oliver Stone, por Marcelo Lins (20 min.); Dorival Caymmi, por Chico Pinheiro (22 min.); Bill Gates, por Renato Machado (26 min.); Cesare Battisti, por Mário Sergio Conti (25 min.); José Saramago, por Edney Silvestre (43 min.); Oscar Niemeyer, por Sandra Moreyra (33 min.); general Newton Cruz, por Geneton Moraes Neto (60 min); papa Francisco, por Gérson Camarotti (43 min); José Saramago, por Pedro Bial (60 min). Cada uma em uma situação diferente, em um lugar distinto: Bill Gates, entrevistado nos EUA, o papa Francisco, no Rio de Janeiro, José Saramago, em uma ilha do Atlântico.

A reexibição das entrevistas começou no dia 6 de junho de 2021. Elas são relembradas na íntegra. Não passam por edição ou por qualquer atualização temporal. Todas seguem um mesmo script: tem uma abertura do repórter em local neutro e ele relembra o dia da gravação e o local onde foi gravado o bate-papo. O próprio repórter chama o VT, que tem a história a ser lembrada. Cada material exibido revela a memória da GloboNews, contribuindo para a construção da memória do telespectador.

A entrevista com o Prêmio Nobel de Literatura portuguesa, José Saramago, foi feita nas ilhas Canárias, por Edney Silvestre, em 2007. A conversa foi sobre literatura, vida, amor e morte. O escritor havia acabado de publicar um livro sobre memórias: “As pequenas memórias são simplesmente as pequenas memórias”. (SARAMAGO, 2007). Buscando as memórias, o escritor, que vivia cercado de livros e acompanhado da mulher Pilar Del Rio, relembrava passagens da vida.

Em 2002, depois de muitas tentativas, Sandra Moreira conseguiu entrevistar Oscar Niemeyer. Começa assim a abertura do apresentador Renato Machado¹¹ para introduzir a entrevista que Sandra Moreira fez com o arquiteto Oscar Niemeyer, que estava perto de completar 95 anos e, ainda, em atividade. Ele havia acabado de lançar um livro de cartas que trocou com o amigo e calculista José Carlos Sussekind. Diferente das outras entrevistas, a de Niemeyer tem bastante material de arquivo. Afinal, as memórias do arquiteto passam por imagens e nos levam também a elas. Ele começa falando do Palácio

¹⁰ [Na data da redação deste artigo, apenas estas entrevistas estavam disponíveis ao público.](#)

¹¹ Renato Machado faz a apresentação no lugar de Sandra Moreyra, que faleceu em 2015. Na introdução da entrevista, ele faz uma pequena homenagem à jornalista.

dos Doges, obra do arquiteto Fillipo Calendario, em Veneza, Itália. Um lugar, cheio de referências para Niemeyer, que conta sobre inspiração e, ao mesmo tempo, vai desenhando, presenteando o espectador com arte na tela da TV. “A surpresa na obra de arte é fundamental.” (NIEMEYER, 2002).

A entrevista com o papa Francisco, feita por Gérson Camarotti, é conduzida em um ambiente quase monástico. Duas cadeiras, uma mesa, e a sabedoria se espalha. Algumas vezes, parece até uma confissão, mas não do repórter, e, sim do padre, que discorre com total serenidade sobre o mundo. No cenário simples e despojado, a figura de batina branca se destaca. Adquire uma aura quase espiritual. Ele surge como o conselheiro, a quem o jornalista ouve com respeito e admiração. É difícil estar frente à frente com o mito. E o mito não precisa de muito, para ser a atração.

6. Considerações finais

Nos 25 anos de história, a GloboNews nos mostra que o canal seguiu o rumo proposto desde a sua formação: um jornalismo que prioriza a notícia a toda a hora, mas também grandes discussões, passando pela valorização do passado como forma de explicar o presente. As experiências de diferentes personalidades nos levam a uma narrativa memorialística. As 25 entrevistas têm uma característica: a humanização de cada história por meio de uma condução coloquial e muito próxima entre repórter e entrevistado. E essa aproximação do repórter é deixada clara. Por exemplo, na abertura da entrevista com Ariano Suassuna, Pedro Bial conta que, por meio desse bate papo frente às câmeras, ele se tornou amigo do escritor. E a identificação, entre eles, leva o telespectador a entrar junto, na experiência de vida do escritor. O que vem à memória passa também pela imaginação de uma história contada para ser reavivada.

A escolha da emissora pela maioria dos entrevistados passa pela experiência de vida de quem tem muito a contar/revelar, com exemplos, com vivência, com formas diferenciadas de ver e viver o mundo. Mas também existem depoimentos marcados por outras características, como o do militante italiano Cesare Battisti e o do general Newton Cruz. Nestes casos, são as figuras polêmicas, nem sempre acessíveis aos jornalistas, que, em determinado momento, resolvem esclarecer alguns segredos históricos. “25 anos em 25 entrevistas” vai além de um resgate memorial. As entrevistas selecionadas nos sugerem um

panorama do complexo século XX e deste intrigante século XXI. Elas nos dizem, que não basta estar ligado, tem que perceber, sentir e interpretar, para entender. Nesta escolha, o canal GloboNews se legitima pela memória, pela narrativa da experiência, e diz aos seus assinantes por quais atributos quer ser lembrado: é um canal que faz história.

7. Referências

ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. **Seja o primeiro a saber: A CNN e a globalização da informação**. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

_____. Senhores da memória. **Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo, v. XVIII, n.2, p. 84-101, jul/dez. 1995. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/1259/1212>. Acesso em: 24 jul.2021.

_____. **História cultural da imprensa – Brasil: 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CAMAROTTI, Gerson. GloboNews: 25 anos em 25 entrevistas. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9493060/programa/?s=08m13s>. Acesso em: 24 jun. 2021.

CNN BRASIL. **Sobre a CNN Brasil**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/mais/sobre-a-cnn>. Acesso em: 12 junho. 2020.

FECHINE, Yvana. **Televisão e presença: uma abordagem semiótica da transmissão direta**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A atualidade no jornalismo: bases para sua delimitação teórica**. 2003. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/1871/1/AtualidadeJornalismoDelimitacao.pdf>. Acesso em: 12 jun. de 2021.

_____. O jornalismo e a reformulação da experiência do tempo nas sociedades ocidentais. **Brazilian Journalism Research**, vol. 11, n.2, 2014. p. 96-123. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/741/0>. Acesso em: 24 jul. 2021.

GLOBONEWS faz 25 anos em outubro com novidades na programação. Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/especial-25-anos/noticia/2021/06/01/globonews-faz-25-anos-em-outubro-com-novidades-na-programacao.ghtml>. Acesso em: 15 jun. 2021.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

MARINHO, José Roberto. Prefácio. PASTERNOSTRO, Vera Íris. **GloboNews ,10 anos, 24 horas no ar**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1996. p.7.

MATHEUS, Letícia Cantarella. **Comunicação, tempo, história: tecendo o cotidiano em fios jornalísticos**. Rio de Janeiro: Mauad X, Faperj, 2011.

MEMÓRIAGLOBO. Disponível

em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/globonews/jornal-globonews/>. Acesso em: 3 ago. 2021.

MUSSE, Christina Ferraz; MUSSE, Mariana Ferraz. A entrevista no jornalismo e no documentário: possibilidades e limitações. **Rumores**, [S. l.], v. 4, n. 8, 2010, s.p. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51209>. Acesso em: 6 ago. 2021.

MUSSE, Christina Ferraz; HENRIQUES, Rosali Nunes; THOMÉ, Cláudia. “Memórias possíveis”: o depoimento audiovisual e a ressignificação da história recente de Juiz de Fora. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 10., 2015, UFRGS, Porto Alegre. Anais. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/201cmemorias-possiveis201d-o-depoimento-audiovisual-e-a-ressignificacao-da-historia-recente-da-imprensa-de-juiz-de-fora/view>. Acesso em 24 jul. 2021.

NIEMEYER, Oscar. 25 anos em 25 entrevistas. Disponível em:

<https://globoplay.globo.com/v/9530151/programa/?s=31m07s>. Acesso em: 4 ago. 2021.

NORA, Pierre. Entre memória e história – a problemática dos lugares. **Projeto História**, 10, dez. 1993, p. 07-28.

PAPA Francisco. 25 anos em 25 entrevistas. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9493060/programa/?s=08m13s>. Acesso em: 6 ago. 2021.

PATERNOSTRO, Vera Ísis. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

_____. **GloboNews, 10 anos, 24 horas no ar**. Rio de Janeiro: Editora Globo. 2006.

REZENDE, Guilherme Jorge. Gêneros e formatos jornalísticos na televisão brasileira. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba. Anais. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2902-1.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2021.

SARAMAGO, José. 25 anos em 25 entrevistas. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9530170/programa/?s=45s>. Acesso em: 4 ago 2021.

SQUIRRA, Sebastião. **Aprender telejornalismo**: produção e técnica. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

SUASSUNA, Ariano. 25 anos em 25 entrevistas. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9525067/programa/>. Acesso e, 4 ago. 2021.

VIZEU, Alfredo. **Telejornalismo: cotidiano e lugar de segurança**. In: Estudos em Jornalismo e Mídia Vol. III N° 1 - 1º semestre de 2006.

VINTE E CINCO anos em vinte e cinco entrevistas. Disponível em:

<https://globoplay.globo.com/globonews-25-anos-em-25-entrevistas/t/WDryfYmpPV/>. Acesso em: 21 ago. 2021.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão**. São Paulo: Ática, 1996.

